

## **Triplo A**

**Joana Guedes**

joana.c.guedes@gmail.com

### **Resumo:**

Resistir de modo frágil. Engolir três vogais.

**Palavras-Chave:** fragilidade; resistência; alimento; arte; amor.

A fragilidade é a facilidade com que um objeto perde o seu estado original, a sua “normalidade”. É frágil o que se quebra facilmente, com pouca deformação.

Poderíamos, então, pensar que a fragilidade exprime uma falta de resistência. No entanto, o objeto, frágil, nem sempre se parte, ou, ao partir-se, não deixa de existir, de resistir. É frágil aquele que resiste. É frágil tudo o que necessita de uma força extraordinária para se conservar.

### **Como nutrir então esta resistência?**

Certificar-me de que encerro em mim a totalidade do que existe como forma de resistência. Eu, como território que tem de conter tudo. Eu sou o ponto de partida e o ponto de chegada. Eu sou o mundo. Buscar no exterior tudo o resto, como suplemento extra. Trazer a mim tudo o demais, sem sair de mim. Para sustentar a resistência, para equilibrar a fragilidade, recolher: 1. Alimento, 2. Arte, e 3. Amor.

**Instruções para reunir:****1. Alimento**

Em vez de estudar filosofia, fazer puré de maçã. Descascar as maçãs em tiras contínuas, com a faca perfeita – madeira, peso, lâmina. Fazê-lo bem, com facilidade. Que movimentos? Onde tocar? Onde estão as nossas mãos? Aceitar a fragilidade do “esquema-corporal” (Merleau-Ponty, 1945, p.101), pensar a todo o momento onde estão os nossos membros e em como alcançar um cinzeiro ou segurar num garfo, fazer disto uma disciplina. Guardar o puré de maçã no frasco de vidro onde antes vivia o mel. Mesmo se não gosta de mel, por ter pena das abelhas. Basta gostar dos frascos e de os encher com outras coisas, desafiar os rótulos. Ontem mel, hoje puré de maçã, amanhã pioneses.

As laranjas, evidentemente, descascam-se com as mãos.



Joana Guedes Sem título, screenshots de filmagens. Porto Covo, Agosto 2021

Se necessário, comer duzentos e cinquenta gramas de bolinhos. Enjoam, fazem dores de estômago, de dentes, e causam remorsos, mas não se deve censurar a meio, só no fim. Com os bolinhos caem sempre muitas migalhas, que não contam para o consumo. Limpar as migalhas e não lamber os dedos.

Fazer o culto do café com leite da manhã como uma das grandes maravilhas da humanidade. Todas as manhãs do resto da vida devem ter incluídos: i) um exercício de memória, à escolha – relembrar o dia de ontem, decorar um excerto de um poema desafiante ou traduzir algo do Urdu – e ii) um café com leite. Aquecer o leite, tirar o café, escolher cuidadosamente a porcelana, acertar nas proporções, fazer movimentos circulares de mistura para causar o caos entre as partículas castanho-escuras e as partículas brancas, até se atingir o castanho – (mais ou menos, de acordo com o gosto) claro, lamber a pequena colher quente e saborosa – um *teaser* para o que nos espera, soprar devagar para arrefecer (assobiar ao mesmo tempo, se for um dia particularmente frágil), e server quantidades mínimas de líquido que queimam levemente a língua. Um ritual esplendoroso. O café com leite da manhã devia ser eterno. Como extra, o cheiro forte do café da manhã antes da operação de adição da porção de leite, muito escuro, fumegante, pode ressuscitar um morto.

Comprar o calendário do advento, que fica sempre por acabar, com janelinhas fechadas. Fica a meio, pendente, em suspensão, como, de resto, tudo o resto. Comprar o calendário, mas não saber se gosta dele. Às vezes deitar dias fora porque demasiado açúcar agonia. Ainda assim, adquirir o calendário, comer o chocolate de alguns dias especiais.

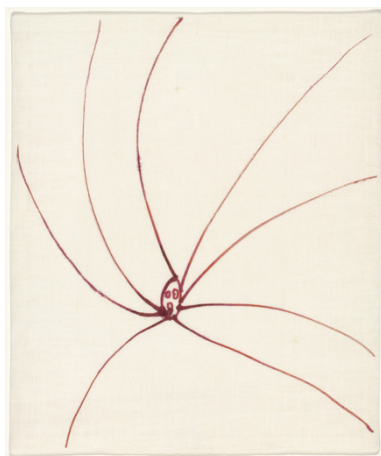
## **2. Arte**

Recorrer à arte pontiaguda e às agulhas.

Num artigo sobre a fragilidade do belo, o filósofo alemão Oskar Becker diz que é frágil tudo o que é quebrável, demasiado afiado, demasiado pontiagudo, especialmente quando está sujeito a uma forte tensão interna (Becker, 1986, p.43).

A artista plástica Louise Bourgeois explica que, quando era pequena, todas as mulheres da sua casa usavam agulhas. Teve sempre um fascínio pela agulha, o poder mágico da agulha, utilizada para reparar danos. A agulha é um pedido de perdão. A agulha nunca é agressiva, não é um alfinete. (Bourgeois, *apud* Storr, 2016, p.526 )

Evitar reparações feias e temporárias, ser anti-alfinete, não alfinetar, procurar a agulha. Louise cose deusas frágeis, o ato de coser como processo de reparação, como resistência.



Louise Bourgeois, 2007. Sem título, nº 22 de 36, da série, *The Fragile*.

← A  
← A  
← A



Louise Bourgeois, 2002. *Fragile Goddess*.

A aproximação à fragilidade deve também prever a reparação – o retorno ao estado de “normalidade”. Se na fragilidade existe vulnerabilidade à transformação pelo exterior, para uma obra, um objecto, um ser, frágil, o que o deforma vem de fora. Mas a sua fragilidade resiste a esta ruína externa. A fragilidade como lugar de luta, um combate permanente, o caminho que permite compreender a condição humana.

Deleuze fala desta luta e da ligação entre a obra de arte e o ato de resistência. (Deleuze, 1987). Lembra-nos as palavras de André Malraux, que, parecendo banais, são certas, quando afirma que a arte é a única coisa que resiste à morte.

### 3. Amor

Para colher amor do lado de fora, semear a fragilidade, a autolatria, olhar para dentro. Conhecer-se é compreender a fragilidade que nos habita. Olhar para dentro, para o poço, descer o esófago, mesmo que este se contraia, mesmo que resista. Forçar o peristáltico. Aceitar que qualquer coisa que venha de fora pode destruir-nos, mas escolher essa exposição. A exposição cria a possibilidade de que caia sobre nós a tragédia, mas também o amor. Ter um compromisso com a fragilidade, estar verdadeiramente empenhado, fazer um pacto. Para garantir um corpo são, habitado pela fragilidade, consumir alimento como um ritual jubiloso – ver 1. –, consumir arte pontia-

guda e outras – ver 2. –, consumir histórias em geral, absorver tudo e pensar no que isso significa. Manter-se, assim, alimentado, nunca vazio, nunca sozinho, sempre frágil. Recusar o hábito, seduzir-se a si próprio. Evitar uma interioridade muito diminuta. Este preenchimento pode atrair o exterior, criar a possibilidade de uma comunicação mais real, uma ligação. E assim seduzir os outros, indiretamente. Não serve de nada gritar aos ouvidos de brutos. O estabelecimento destas ligações não é passivo. Interagir com um espaço, com uma estrutura, com alguém, é vivê-lo, incorporá-lo, encontrar o seu significado. Aceitar que o amor oscila com as horas do dia. Procurar o último cromo que falta. Engolir a alma-exterior.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Becker, Oskar. (1986). *La fragilité du beau et la nature aventurière de l'artiste*, tradução de Jacques Colette, *Philosophie n° 9*. Paris: Les Éditions de minuit.

Deleuze, Gilles (1987). *Qu'est-ce que l'acte de création?*. In Conferência Fondation Femis. Paris, 17/05/1987. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2OyuMJMrCRw>

Merleau-Ponty, Maurice. (1945). *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard

Storr, Robert. (2016) *Intimate Geometries: The Art and Life of Louise Bourgeois*. [tradução livre minha]. London: Thames & Hudson Ltd.